

Curas popular-religiosas: uma análise da prática de cura de Monsenhor Horta em Minas Gerais(1870-1930)

LUCAS LOLLI VIEIRA *

Esse trabalho pretende discutir o processo de institucionalização da medicina oficial acadêmica em Minas Gerais entre o final do século XIX e início do século XX. Durante o processo de formação da medicina brasileira, diversos agentes participaram deste processo, dando as práticas de cura uma pluralidade cultural. Diversos estudos tem mostrado como a constituição das práticas de curas tratou-se de um processo dinâmico onde diversos saberes tiveram participação.

No Brasil Imperial a Igreja Católica era uma das grandes responsáveis para o tratamento dos enfermos. Não apenas exercendo a atividade de cura, mas também tentando controlar quem podia ou não exercer a atividade terapêutica. Deslegitimava práticas curativas populares, dentre estas as ligadas aos curandeiros, e autorizava outras, principalmente a exercida pelos médicos acadêmicos. A medicina e a Igreja Católica, juntas, criavam mecanismo de controlar o corpo, de discipliná-lo, criando novas normas e regras.

Porém, no decorrer do século XIX, através de um processo constante e dinâmico, resultante das transformações do conhecimento científico da época, cada vez mais a medicina tendia a afastar de suas explicações sobre enfermidade, corpo, saúde, e doenças as respostas ligadas a religião Católica. Nesse processo, sobretudo entre no final do século XIX, acontece um crescente embate entre medicina acadêmica, que procurava deter a exclusividade das práticas de cura e deter a resposta oficial as enfermidades, e a Igreja Católica, que não desejava perder o direito de curar o corpo enfermo de seu fiel, e de controlar aqueles que podiam ou não exercer às práticas curativas.

Dentro desde contexto de embate, este trabalho pretende se desenvolver. Pretendemos analisar, a partir de Monsenhor Horta, a dinâmica, as contradições, as resistências e negociações que houveram neste período entre aqueles que representava a Igreja Católica e os médicos oficiais. Além disso percebemos a partir desta análise uma correspondência terapêutica entre Monsenhor Horta e aqueles que o procuravam em momentos de enfermidade.

* Mestrando e bolsista CAPES do Programa de Pós-Graduação em História da Saúde e da Ciência, da Casa Oswaldo Cruz. Orientado pela professora e Dra. Tânia Salgado Pimenta

Desta forma, pretendemos observar através da trajetória de Monsenhor Horta, como o saber médico se constituiu a parti de resistência, negociações e apropriações entre os saberes oficias e populares de cura. Assim, pretendemos utilizar da micro-história para compreender esse processo de formação da medicina oficial.

Biografia de Monsenhor Horta:

José Silvério Horta, ou Monsenhor Horta, foi um importante cônego mineiro que viveu em Mariana, entre os anos de 1859 e 1933. Nascido em 20 de junho de 1859, em Barra Longa, distrito de Mariana, filho de José Caetano Ramos Horta e de Jacinta Gomes de Figueiredo Horta, Monsenhor Horta teve mais 6 irmãos. Ainda jovem, Monsenhor Horta se mudou para Mariana depois de sua família decidir que seria melhor para que eles estudassem.

Em 1877, José Silvério Horta, recebeu do médico Dr. Eduardo Moura, a notícia de que sua saúde era instável e teria "poucos meses de vida se não me tratasse seriamente, mas fora de Mariana" (Manuscrito autobiográfico,1932:14). Assim, passado quase 4 anos depois de sair de Mariana, José Silvério Horta retornou para continuar seus estudos. Porém, "o Exmo. Sr. D. Benevides sabendo que eu já estava em Mariana e por singular beneficio de Deus restabelecido de minha enfermidade, convidou-me a continuar os meus estudos, não no Seminário, porque receava alguma recaída, mas no seu palácio, em sua companhia como fâmulos dêle" (Manuscrito autobiográfico, p.16). E em 1881, José Silvério Horta foi convidado a se tornar fâmulos do bispo D. Benevides, e foi com ele que Horta teve lições de "química, física, história natural.Quanto a filosofia designou-me como lente Mons. Júlio Bicalho" (Manuscrito autobiográfico, 1932:17).

Não passaria muito anos para que José Silvério Horta recebesse as Ordens Menores e Maiores. As ordenações iam aumentando, quando em 1885, logo após receber a ordenação do Subdiaconato, José Silvério Horta teve de ir às pressas para Ouro Preto. Ouro Preto passava por uma terrível epidemia de febre tifo, que acabaria por vitimar a família de José Silvério Horta. As epidemias eram constantes, tanto no período colonial quanto no Império, e por onde se alastravam revelavam a fragilidade da saúde publica brasileira e "expunha a incapacidade da ciência médica de deter a propagação das doenças"(FERREIRA, 2003: 120). José Silvério Horta, perdeu com a epidemia de febre tifo, 2 irmãos, Carlos e Afonso, e seu pai, José Caetano Ramos (Manuscrito autobiográfico, 1932:24-26).

As práticas de cura de Monsenhor Horta

Entre as diversas atividades exercidas por Monsenhor Horta, uma delas era se dedicar a cura de enfermidades daquele que o procurava. Seja pessoalmente ou através de correspondências, Monsenhor Horta praticava a arte de curar e dispunha-se a ajudar a todos que o procurava. Através de orações, bênçãos, água benta e exorcismo Monsenhor Horta proporcionava ao enfermo mais conforto em seu sofrimento. E é, observando essas atividades de Monsenhor Horta que podemos perceber como práticas médicas coexistiam em Mariana no final do século XIX. Assim, ao deparar com um corpo doente, podemos perceber como Monsenhor Horta articula religião e medicina no processo de cura, como ele concebe um corpo são, e como que para a população que o procurava havia uma correspondência terapêutica entre as práticas e os anseios daqueles que o procurava.

Desta forma, ao descrever em sua autobiografia as suas atividades relacionadas a medicina, Monsenhor descreve, entre outros, sobre um enfermo que o procura em sua residência para obter a cura de suas feridas. O enfermo pede a Monsenhor Horta, além da cura de sua moléstia, também algumas esmolas. Assim, Monsenhor Horta, juntamente com a esmola, entrega para enfermo uma medalhinha de Nossa Senhora benzida por ele, e diz ao enfermo que “quando lavasse as feridas tocasse nos banhos [a] medalhinha de N^a Senhora que [ele] havia benzido e que podia também ser tocada na agua [*sic*] pura para bebe”. E assim, passado algum tempo, o enfermo voltou a bater à porta de Monsenhor Horta, "pedindo-me licença para casar, mas já perfeitamente livre da moléstia. Disse-lhe: o senhor sofria de uma molestia [*sic*] perigosa, só um médico lhe podia dar esta licença. Respondeu: já consultei com vários e bons médicos e todos eles estão de acordo que eu não mais sofro do meu antigo incômodo e diziam que posso tomar este estado sem susto" (Manuscrito Autobiográfico,1932:44).

Um outro exemplo da forma de agir de Monsenhor Horta nas práticas de cura é a resposta que Monsenhor Horta dá, por meio de uma correspondência, a Antônio Martins, no dia 23 de outubro de 1914. Numa troca de correspondências entre Monsenhor Horta e Antônio Martins, este tinha pedido a Monsenhor que o auxiliasse na cura de seu filho João. Desta forma, responde Monsenhor em outra correspondência, que não “*aplique, ou dê ao José, seu filho, os remédios que lhe foram receitados, porque ali haverá intervenção do demônio. [...]. Portanto toda a receita em semelhantes casos ou é dada pelo demônio, ou dada e acertada por acaso, pela prescrição humana,*

o que não é provável.” E assim, após indicar a Antônio Martins que não siga as prescrições médicas, o sacerdote recorre à religião pra justificar a cura e avisa que os médicos só terão êxito em curar José caso haja a ajuda de Rafael. Deve-se assim “[...] celebrar-se a festa de Arcanjo Rafael, arcanjo da medicina, protetor e ilumi[...] dos médicos. Apegue-se a estes com ele, que seu filho será curado” (grifos nosso). À carta enviada a Família de Antônio Martins Ferreira, morador do distrito de São Caetano, hoje chamado de Monsenhor Horta, é exemplar para também percebemos a mediação que Monsenhor Horta faz entre religião e medicina. Após falar na carta que não dê aplique ao seu filho José remédios que foram receitados pelo médico, “porque ali haverá a intervenção do demônio” acaba dizendo que a cura de José só teria êxito caso haja uma intervenção do “[...] Arcanjo Rafael, arcanjo da medicina, protetor e ilumi[...] dos [médicos]. Apegue-se [a estes] com ele, que seu filho será curado.” Neste trecho Monsenhor diz a família que a cura viria pela interseção do Arcanjo Rafael, arcanjo da medicina, no processo de cura, mas, juntamente com os médicos. Assim, percebemos que Monsenhor Horta não desautoriza necessariamente nenhum saber, nem religioso e nem acadêmico. Ele faz uma justaposição entre elementos do religioso e acadêmico, dizendo que o segundo só terá fruto se ajudado pelo primeiro.

A fama de curador de Monsenhor Horta ultrapassava os limites geográficos de Mariana. Em uma correspondência remetida de Ressaquinha, no interior de Minas Gerais, perto de Barbacena, Raymunda Aleixa Gonçalves, enviou, em 31 de julho de 1924, uma carta destinada a Monsenhor Horta solicitando "uma benção para a cura de uma perna que foi operada e a um ano e 6 meses" e que lhe causa sofrimento e a privava de andar. Assim, continua a mulher, confiante “na misericórdia de Divina [Providência] com a vossa bênção ficarei completamente boa.”¹

Não raramente, Monsenhor Horta assemelha um possesso a um doente, um louco, porém não assemelha todo doente a um possesso, isso nos indica um caminho para entender a percepção sobre doença para Monsenhor. Em biografia de próprio punho, ao falar que já estava velho Monsenhor nos revela uma pista importante para compreendermos melhor o universo popular/religioso acerca da medicina mineira no final do século XIX e início do XX. Falando que já se sente cansado e não consegue mais celebrar missas, pois está doente e além de ter “uma multidão do povo que me cerca desde cedo, pedindo benções para si, para os estranhos, para objetos de piedade,

¹Documento consultado no Arquivo Metropolitano da Cúria de Mariana, Pasta Monsenhor Horta.

para as águas, remédio, para sementes, a medicina que neste trabalho consumo horas e horas, às vezes até meio dia, principalmente quando me aparecem [...] possesso do demônio, o que não é raro.”(Manuscrito Autobiográfico,1932:57-58). Neste trecho retirado de sua autobiografia percebemos como Monsenhor relaciona intimamente possessão a um caso de medicina, como a medicina para ele, está muito ligada à uma concepção de mística de doença e a elementos externos ao corpo humano.

Monsenhor Horta cura as pessoas através de suas práticas populares/religiosas e, fala a elas que a medicina humana é fruto da intervenção do Diabo, mas mesmo assim, é o próprio Monsenhor Horta que é acudido por um médico em momentos de enfermidades. Como, por exemplo, em 30 de março de 1933, quando acometido por uma doença que o mataria, um médico é chamado e este “fez-lhe este algumas injeções, apesar das ponderações do Monsenhor, de que nada lhe valeriam taes remédios” (HORTA, 1934:130). Assim, nos é importante ressaltar que Monsenhor Horta não desacredita da dita medicina acadêmica. O que ele faz é associar a religião à esse outro saber autorizado no interior daquela sociedade mineira.

Desta forma, Monsenhor atua como uma “ponte” entre dois saberes, um acadêmico outro religioso/popular. Ao solicitar a presença do médico para acudi-lo, Monsenhor Horta faz em seguida ponderações, provavelmente, pois, acreditava que a medicina acadêmica não traria efeitos, uma vez que ela afasta-se de si, as explicações religiosas e as intervenções divinas. Ressaltamos que, mesmo fazendo as ponderações a cerca do remédio aplicado a ele em momentos antes de sua morte, nos parece que Monsenhor Horta não trabalha contra a medicina acadêmica, mas busca reforçar a importância da religião no processo de cura.

Portanto, Monsenhor circulava nestes diferentes universos de cura tanto da medicina acadêmica quanto da medicina popular, do qual ele não é só sujeito em busca da cura, mas também é o sujeito que cura.

Conclusão

Acreditamos que seguir as práticas de cura de Monsenhor Horta, através de sua trajetória, pode ser importante para compreendermos melhor o processo do embate entre a medicina acadêmica e as práticas de curas populares. Escolher analisar a trajetória de Monsenhor pode nos revelar novas situações de resistência e negociações entre a prática

popular e a medicina oficial. E desta forma compreender melhor o processo de constituição da medicina acadêmica em Minas Gerais.

Ao acompanhar os afazeres de Monsenhor Horta, percebemos como suas práticas dialogam com as aspirações partilhadas pela população e Monsenhor, sobre cura, doença e saúde. Portanto, ao percorrer a trajetória de Monsenhor Horta dando ênfase às suas práticas curativas percebemos como essas nos revelam os desejos sobre saúde, cura e doença partilhados entre Monsenhor Horta e a população mineira que o procurava para ser curado, havendo assim uma correspondência terapêutica entre o enfermo e o curador

Bibliografia:

ABREU, Jean Luiz Neves. **O imaginário do milagre e a religiosidade popular** – um estudo sobre a prática votiva nas Minas do século XVIII. 174 f. Dissertação (Mestrado em História) – FAFICH/UFMG, Belo Horizonte, 2001.

ALMEIDA, Carla Berenice Starling de. **Medicina Mestiça: saberes e práticas curativas nas minas setecentistas.**

CARNEIRO, Henrique. **A Medicina, a Igreja e o Amor: prédicas moralistas da época moderna em Portugal e no Brasil.** São Paulo, Xamã, 2000.

CERTEAU, Michel de. **Invenção do cotidiano: artes de fazer.** Petrópolis, Vozes, 2008.

CHALHOUB *et al* (org.) **Artes e ofícios de curar no Brasil: capítulos de história social.** Campinas, Ed. da Unicamp, 2003.

CHALHOUB, Sidey. **Cidade Febril: cortiços e epidemias na Corte imperial.** São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

COSTA, Jurandir Freire. **Ordem médica e norma familiar.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 2004.

FIGUEREDO, Betânia Gonçalves. **A arte de curar: cirurgiões, médicos, boticários e curandeiros no século XIX em Minas Gerais.** Rio de Janeiro, Vício de Leitura, 2002.

HORTA, Francisco. **Esboço biographico de Monsenhor Horta.** 1934.

PIMENTA, Tânia Salgado. **Barbeiros – sangradores e curandeiros no Brasil (1808 – 28).** História, Ciências, Saúde: Manguinhos. Volume V. n. 2. Julho, Outubro – Ano 1998.

PIMENTA, Tânia Salgado. **Entre sangradores e doutores: Práticas e formação médica na primeira metade do século XIX.** Cad. Cedes, Campinas, v. 23, n. 59, p. 91 – 102, abril de 2003. Disponível em [HTTP://www.cedes.unicamp.br](http://www.cedes.unicamp.br)

PIMENTA, Tânia Salgado. **Transformações no exercício das artes de curar no Rio de Janeiro durante a primeira metade do Oitocentos.** História, Ciências, Saúde: Manguinhos. Volume 11. pp.: 67-92. 2004.

RIBEIRO, Márcia Moisés. **A Ciência dos trópicos: a arte médica no Brasil do século XVIII.** São Paulo, HUCITEC, 1997.

SAMPAIO, Gabriela dos Reis. **Nas trincheiras da cura:** as diferentes medicinas no Rio de Janeiro Imperial. Campinas, SP: Editora da Unicamp, CECULT, IFCH, 2001.

SILVEIRA, Anny Jackeline Torres. **Influenza espanhola e a cidade planejada:** Belo Horizonte, 1918. Belo Horizonte, Ed. UFMG, 2008.